

TEORIAS EM LITERATURA COMPARADA

Tânia Franco Carvalhal

Aprendemos a reconhecer o caráter teórico dos estudos literários como determinante no século XX ou, mais precisamente, identificamos, na segunda metade deste século, uma aguda “tomada de consciência de estética textual” a todos os níveis da escritura e da leitura.¹ Além disso, a inclinação a uma fundamentação teórica nos estudos literários provocou mudanças de paradigmas, obrigando não só a revisão de conceitos considerados definidos mas também a atuações muitas vezes interdisciplinares. São aspectos dessa “teorização” geral nos estudos literários e em Literatura Comparada, enquanto modalidade desses estudos, que se pretende examinar a seguir.

1. Veja-se a introdução a *Théorie de la littérature*, de Stéphane Santerres-Sarkany, intitulada “La nouvelle culture lettrée”, Paris: PUF, 1990.

I. TEORIAS NO PLURAL

No amplo terreno dos “estudos literários”, a teoria, a crítica, a história, o comparativismo coexistem sem perderem suas especificidades. Quer dizer, essas disciplinas têm supostamente o mesmo objeto de estudo, a literatura, e, se o configurarmos materialmente, os “textos literários”. Contudo, sabemos que cada uma se identifica e se distingue das demais pela forma particular como problematiza o literário, como o indaga e o analisa. Na verdade, sabe-se que um objeto científico é menos algo material do que um conjunto de

problemas.² Isso não impede que essas disciplinas atuem em conjunto e que emprestem, entre si, conceitos operacionais, metodologias ou recursos de investigação.

É necessário observar, de início, que todas enfrentam problemas em sua denominação. Teoria literária, teoria da literatura ou das literaturas, ciência da literatura, poética, são alguns dos nomes tradicionalmente empregados para indicar a atividade teórica em si mesma ou a reflexão sobre a atividade literária. A discussão é antiga e permanente. R. Wellek e A. Warren, no clássico *Teoria da literatura* (1942) usaram a expressão em seu duplo sentido, como uma modalidade dos estudos literários e como sinônimo dessa disciplina. Já o volume *Théorie littéraire. Problèmes et perspectives* (1989), organizado por Eva Kuschner, D. Fokkema, M. Angenot e Jean Bessière, sem a característica do manual e com uma concepção diferente do livro de Wellek e Warren, adota um subtítulo para assinalar, de pronto, a variedade dos debates e das pesquisas no campo da teoria literária. Por isso, reúne pontos de vista diversos e representativos da pluralidade dos métodos e das teorias.

Em ensaio editado no mesmo ano, intitulado “Teorías literarias o teorías de la literatura? Qué son y para qué sirven?”,³ Walter D. Mignolo procura resolver a questão terminológica propondo o termo “Literaturología”, formado pela combinação do vocábulo que designa o domínio de estudo e o discurso que se exerce sobre tal domínio (1989, 44). A formação do termo, como se vê, é análoga à da designação de antropologia, sociologia ou biologia, nos quais o sufixo “logia” indica que se referem às ciências mesmas enquanto que “antropos”, “socius” e “bio” identificam o domínio de conhecimento.

Não é distinta a situação com a denominação Literatura Comparada, a que muitos, julgando imprecisa a expressão com que se difundiu, têm tentado dar designações diversas: comparativismo literário, literaturas comparadas, crítica comparada, poética comparada, estudos literários comparados, etc.

Evoco as dificuldades terminológicas com que todas as disciplinas que investigam o literário se deparam em sua designação porque interessa acentuar, de um lado, a pluralidade para que apontam essas hesitações e, de outro, a imbricação entre as várias disciplinas que algumas dessas designações estão a indicar e, de outro, que essas disciplinas, como é comum no campo das ciências humanas, redefinem constantemente seus próprios estatutos e modificam freqüentemente seus dispositivos teóricos, como observa Pierre Laurette, em “Universalité et comparabilité” (1989, 52), capítulo do volume *Théorie littéraire. Problèmes et perspectives*, já mencionado.

2. Leia-se a respeito HECKHAUSEN, H. “Discipline and interdisciplinarity” in: APOSTEL, L. et al. *Interdisciplinarity*, Paris: OECD, 1972 e Graciela Reyes, na introdução a *Teorías literarias en la actualidad*, Madrid: Ed. El Arquero, 1989.

3. MIGNOLO, W. *Teorías literarias en la actualidad*, Madrid: Ed. El Arquero, 1989. Leia-se, ainda, do autor, “What is wrong with the theory of literature?” in: *The Sign. Semiotics around the World*. Ann Arbor: Michican Slavic Publications, 1978.

Poder-se-ia, então, argumentar que a dificuldade terminológica na designação é dada à própria natureza do campo de conhecimento, o literário.

Essas considerações iniciais servem para justificar a escolha do título: ao dizer “*teorias em literatura comparada*” quero acentuar, de pronto, a existência de um *plural*, tanto para as teorias possíveis como para a disciplina em pauta, em suas diversas modulações.

Com efeito, ao se pensar em teorias em literatura comparada quer-se integrar componentes teóricos, como formas específicas de observação e de reflexão, a um campo particular de investigação, a literatura comparada, em suas várias formulações. Quer-se, ainda, dar-lhe um estatuto que a eleve à categoria de disciplina reflexiva paralelamente a sua natureza prática. Trata-se, em suma, de “empres-
tar” das(s) teoria(s) literária(s) conceitos operacionais que possam ser rentáveis nas formas de atuação comparativista bem como as auxiliem em sua própria definição.

UMA ARTICULAÇÃO NECESSÁRIA

É natural que a literatura comparada tenha acompanhado a inclinação geral ao teórico que caracterizou, desde os anos 50 e 60, os estudos literários, quando esses sentiram a necessidade de uma fundamentação que lhes assegurasse maior objetividade de atuação e mais precisão em seus resultados de análise. Não poderia, pois, a literatura comparada ficar à margem desse movimento e deixar de valer-se da riqueza de conceitos operacionais que lhe foram postos à disposição pelas diferentes correntes teóricas. O natural, no entanto, não deixa de ser complexo. Isso porque, se levarmos em conta a tradição centenária da literatura comparada enquanto disciplina universitária, veremos que ela não se constituiu sem dificuldades, passando de uma postura eminentemente histórica (Van Tieghem, Carré) para a incorporação progressiva dos avanços no campo da reflexão teórica. Foi justamente graças à evolução dos estudos teóricos sobre a literatura que o comparativismo também evoluiu, modificando seus paradigmas tradicionais. Ao integrar conceitos operacionais com base nas teorias de produtividade textual ou de recepção literária, por exemplo, pôde renovar antigas noções básicas como as de fontes e de influências. Para ficarmos em uma única alusão, sabe-se o quanto a noção de intertextualidade ajudou a reformular aspectos importantes das relações interliterárias. Mesmo na observação dos “estudos literários” em sua totalidade, constataremos que a articulação entre

teoria e literatura comparada não foi apenas circunstancial mas correspondeu a uma reformulação geral, inevitável e benéfica.

A aproximação entre as duas disciplinas, que se traduz pela utilização de conceitos epistemológicos e por empréstimos de metodologias, levando a uma atuação conjunta, está consagrada na obra de vários autores que integraram, num mesmo título de suas publicações, os dois termos. É o caso, por exemplo, das obras de Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux, *Literatura portuguesa, literatura comparada e teoria da literatura* (1981), ou *Da literatura comparada à teoria da literatura* (1989), na de Adrian Marino, *Comparatisme et théorie littéraire* (1989), ou ainda, de Dionyz Durisin, *Theory of interliterary process* (1988) a que antecederia *Theory of literary comparatistics*, em 1984. Nessas duas últimas, a perspectiva teórica é dominante na busca de um sistema metodológico de concepção formalista.

É no contexto dos anos 80 para cá que se afirma a estreita convivência entre teorias e literatura comparada, tendo essa acompanhado as modificações das primeiras, incorporando, seletivamente, o que lhe interessava em particular e fornecendo àquelas o que desde sempre a caracterizou: amplitude de visão e metodologia dos confrontos.

AS APROXIMAÇÕES CORRENTES

Não se trata aqui de fazer o balanço exaustivo das contribuições entre as duas disciplinas mas de insistir no fato de que a aproximação entre teorias literárias e literatura comparada está no centro das transformações conceituais motivadas pela reflexão teórica dos últimos anos e que, devido a essa mesma aproximação, o ato da comparação ganhou maior pertinência. É sem dúvida no decênio de oitenta que se vão concentrar as publicações que intentam relacionar os estudos comparativistas com a reflexão teórica sobre o literário. Basta aludirmos a alguns títulos, como se fez, e às datas de seu aparecimento para vermos como esse relacionamento se expressa. Nesse contexto, em 1985, Hans-George Ruprecht, da Carleton University, Ottawa, publica um artigo intitulado “Comparatisme et connaissance: Hypothèses sémiotiques sur la littérature comparée” no qual, além de retrazar a tomada de consciência teórica entre os comparativistas e as decorrentes proposições metodológicas (Geninascá, 1979; Genot, 1980; Marino, 1980; Ruprecht, 1980) e a emergência de um “novo paradigma” (Fokkema, 1982), examina, sem complacência, o que considera ainda um nível de reflexão “pré-teó-

rico” ou “para-teórico” entre os comparativistas, isto é, uma reflexão que “corre ao lado de” sem, no entanto, enfrentar a fundo e diretamente as questões literárias. Ele identifica, entre os comparativistas, especialmente uma “*disposition d’esprit*” e não o que consideraria como “*démarche théorique avancée*”. Sua crítica está centrada no fato de que as perspectivas propostas se desenvolviam em dois planos, de ordem “conformacional” e “institucional, e em vez de abordar os fenômenos ditos ‘literários’, para transformá-los em objetos de conhecimento construídos, a reflexão comparativista os tomava ainda intuitivamente e de acordo com abordagens ditas ‘temática’, ‘morfológicas’, etc., baseadas no inefável princípio segundo o qual todas as literaturas, as do passado e do presente, constituíam, em última análise, um objeto de contemplação.⁴ A finalidade do estudo de Ruprecht não é apenas de fazer reparos ao pouco aproveitamento por parte dos comparativistas das reflexões teóricas em voga mas tem a intenção de pensar sobre a possibilidade de fundar-se, um dia, uma “*comparative science of signs*”, como aludira Sebeok, em 1970. Em outras palavras tratar-se-ia de “conceber e de fazer avançar, mesmo que fosse pouco, a problemática comparativista à luz de uma concepção teórica da significação”. Esse comparativismo de orientação semiótica procura dar uma sustentação reflexiva ao ato da comparação e não é difícil de perceber seu interesse em determinados aspectos como o da análise intertextual.

Em 1988, temos outra tentativa importante para a aproximação que aqui se examina. Edita-se o livro de Adrian Marino, intitulado *Comparatisme et théorie littéraire*,⁵ seguramente o esforço mais denso, até então, para a inter-relação entre as duas disciplinas. Marino vai mais longe do que propor uma simples atuação conjunta: ele preconiza a formulação de uma “teoria da literatura comparada”. Melhor dito, deseja que a literatura comparada deixe de ser um simples capítulo da história literária ou da história das relações literárias internacionais para dotá-la de um “objeto preciso, autônomo e de uma metodologia própria”. Na verdade, o autor quer elaborar uma teoria da literatura cujos fins e meios sejam especificamente “comparativistas”, ou seja, quer construir uma “teoria comparativista da literatura”. Partidário das idéias de Etiemble, relativas à constituição de uma “poética comparada” de dimensões “planetárias”,⁶ como o demonstrara em *Etiemble ou le comparatisme militant* (1982), Marino adere também aos princípios críticos de R. Wellek. Ao procurar reler em sua totalidade as contribuições teóricas anteriores no domínio comparativista, examinando-as criticamente sob o ângulo de sua proposição, acaba por fornecer amplo material para uma futura história da literatura comparada. Não há dúvida de que o

4. RUPRECHT, H-G., artigo citado, in: *Exigences et perspectives de la sémiotique* (PARRET, H. & RUPRECHT, H-G.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1985, pp. 307-323.

5. MARINO, Adrian. Op. cit. Paris: PUF, 1988.

6. A expressão é de Etiemble. Leia-se, desse autor, *Ouvertures(s) sur un comparatisme planétaire*. Paris: Bourgois, 1988.

esforço por ele realizado foi imenso: trata-se de um levantamento exaustivo da bibliografia sobre o comparativismo e de uma contribuição significativa para o traçado de seu percurso. Contudo, o excesso de informação compromete, por vezes, a clareza e a objetividade da exposição. Sua proposta, que se ampara na existência de invariantes, conforme Etiemble o define, abre a discussão em torno da noção de universais. Ao propor uma teoria que tenha por base os princípios e os andamentos comparativistas, Adrian Marino contribui para uma reflexão renovadora e para a qual seu livro traz muitas sugestões.

Mas será sobretudo o ano seguinte, 1989, que concentrará, somente na França, grande número de publicações comparativistas de forte impregnação teórica. O título do volume de Daniel-Henri Pageaux e Álvaro M. Machado, referido antes, já o indica. Observe-se ainda o surgimento de *Précis de littérature comparée* de Pierre Brunel e Yves Chevrel,⁷ paralelamente à publicação de uma nova versão do volume *Littérature comparée*, da coleção “Que sais-je?”, da PUF,⁸ no qual Yves Chevrel reformula as perspectivas anteriores, da responsabilidade de M-F. Guyard, e a publicação do já referido *Théorie littéraire. Problèmes et perspectives*,⁹ de E. Kushner, D. Fokkema, M. Angenot e J. Bessière além da edição de *Dire le littéraire. Points de vue théoriques*, de Jean Bessière.¹⁰ O confronto, mesmo rápido, dos volumes mencionados aponta, pelo menos, para dois dados importantes: 1. há uma nítida integração, nesses livros, de elementos específicos das duas disciplinas e 2. seus autores são, simultaneamente, comparativistas e teóricos por formação. Lembre-se que, na França, a teoria literária não constitui um domínio específico de estudo no quadro institucional das universidades, o que não significa que não se desenvolva largamente como campo de indagação. Assim, essas publicações refletem uma realidade que, mesmo não consagrada pela instituição, expressa a associação espontânea e concreta de princípios comparativistas e conceitos operacionais de diversas teorias da literatura.

As dimensões deste trabalho impedem que se efetue uma análise contrastiva das publicações surgidas no período,¹¹ no entanto, cabe apontar a complementariedade existente entre elas. Retenho, apenas, um dado: o fato de que o volume *Théorie littéraire. Problèmes et perspectives* tenha integrado, em seu capítulo 11, a contribuição de Earl Miner, intitulada “Études comparées interculturelles”. Seria essa integração uma novidade nos livros de teoria literária? Decerto que não. Basta evocarmos o capítulo quinto do clássico de Wellek e Warren, cujo título é “Literatura geral, literatura comparada e literatura nacional”. Também não é de estranhar que um volume,

7. BRUNEL, P. & CHEVREL, Y. Op. cit. Paris: PUF, 1989.

8. CHEVREL, Y. Op. cit. Paris: PUF, 1989. (Col. “Que sais-je?”)

9. KUSHNER, E. et al. Op. cit. Paris: PUF, 1989.

10. BESSIÈRE, J. Op. cit. Paris: Mardaga, 1990.

11. A análise contrastiva dessas publicações e de outras surgidas no mesmo período nos Estados Unidos, Canadá, outros locais da Europa e no Brasil é objeto de estudo mais amplo que desenvolvo sob o título de “Comparar os comparativismos: leitura de práticas, teorias e manuais”.

cujo projeto de organização surgiu no interior da AILC e cuja realização esteja sob a responsabilidade de quatro de seus membros bem conhecidos e atuantes, acolha a contribuição de um comparativista da estatura intelectual de E. Miner, ex-presidente daquela Associação. Mais interessante do que isso é o tema tratado nesse estudo, pois o próprio E. Miner, em seu texto, observa que “há 20 anos um livro como este não teria comportado um capítulo sobre os estudos comparados interculturais”,¹² aludindo ao fato de que nossa tradição é ainda a dos estudos “intraculturais”. Não é outro o pensamento que E. Miner desenvolve em publicação do ano seguinte, *Comparative poetics – An intercultural essay on theories of literature* (1990), quando tornará a preconizar que as discussões em nível teórico são mais apropriadas aos estudos comparativos de tradições críticas não aparentadas, como a Chinesa e a Ocidental.¹³ Por isso, bem mais do que as ligações pessoais entre autores e as origens da própria iniciativa, interessa enfatizar aqui sua peculiaridade, isto é, o que torna o volume enriquecedor pela variedade de perspectivas de análise e diferentes posturas críticas. Além disso, na “Introdução”, os autores comentam o espaço dado na obra à literatura comparada, “que parece assim coextensiva ao conjunto dos estudos literários”. Eles dizem encontrar duas razões para isso: uma, de ordem contextual, pois na América do Norte e na Europa é sobretudo em literatura comparada (por oposição aos departamentos ou seções de literaturas nacionais) que se organizam os debates universitários e que se efetua, cada vez mais predominantemente, a pesquisa em matéria de teoria. A outra razão lhes parece ser de ordem mais intrínseca: “por serem interlingüísticos, internacionais e interculturais, os estudos de literaturas comparadas parecem ser mais aptos que os estudos das literaturas nacionais a alimentar uma reflexão universalizadora”.¹⁴

A essas considerações, caberia acrescentar mais uma, ou seja, de que a reflexão teórica sobre o literário e a literatura comparada, enquanto disciplinas e formas de investigação, parecem ter uma vocação comum: ambas pedem largos contextos, ambas contrastam metódica e sistematicamente, ambas tendem à generalização dos fenômenos que investigam.

III. TEORIAS E NOVAS ORIENTAÇÕES COMPARATIVISTAS

As publicações que examinamos até aqui são representativas não só da inter-relação entre as teorias literárias e a literatura comparada como ainda, no caso da obra de Adrian Marino, de uma tentativa de constituir-se uma teoria de base comparativista. Esses exemplos

12. MINER, E. Op. cit. Paris: PUF, 1989.

13. Leia-se o já mencionado capítulo de Miner em contraponto com a introdução a seu livro, *Comparative poetics – An intercultural essay on theories of literature*. New Jersey: Princeton University Press, 1990.

14. Op. cit., p. 8.

ilustram fartamente o que se aludiu de início, quer dizer, que, se este século pode ser considerado como teórico ou teorizante, a literatura comparada não se omitiu a essa inclinação e, por isso, renovou-se.

Se as diferentes teorias literárias, com fundamentação epistemológica diversa e origens em campos do conhecimento também distintos (p. ex., a teoria de R. Jakobson é de fundamentação lingüística, a de R. Ingarden ou a dos teóricos da Escola de Constanza é filosófica, etc.) repercutiram diversamente em literatura comparada, todas contribuíram para o afinamento de noções, para a eficiência do instrumental analítico e para que a literatura comparada permanentemente se indagasse sobre sua própria definição.

Na era do teórico, parece ter sido esse o grande desafio.

No entanto, para pensarmos nas relações entre as diversas teorias literárias existentes, (aquelas que sobreviveram à contraposição de novas perspectivas) e a literatura comparada, temos de levar em conta as orientações, também novas, que tem tomado essa disciplina atualmente. Em dois estudos recentes, Yves Chevrel aponta as perspectivas mais freqüentes no comparativismo de expressão francesa como sendo uma tendência geral a substituição dos estudos binários (entre dois autores, duas obras ou mesmo duas literaturas) por questões de estética ou confrontos com literaturas estrangeiras pouco divulgadas, em especial com as do Extremo-Oriente. Sublinha, também, a ênfase nos estudos de recepção literária, as pesquisas sobre “fronteiras do literário”, que envolvem literatura e outras artes, o papel da “paraliteratura”, os estudos sobre os gêneros e sobre as repercussões das literaturas em tradução nas nacionais.¹⁵

Se devemos levar em conta as orientações mais correntes e atuais, há também que se considerar a formação de novas comunidades inter-literárias pelo desmembramento de outras, antes definidas política e ideologicamente, que já haviam motivado estudos como o de Dionyz Durisin sobre *Les communautés interlittéraires spécifiques* (1991). Se o mapa da Europa tem, hoje, uma nova configuração, diferentes questões se propõem, obrigando a retomada de temas como o dos nacionalismos, regionalismos e suas relações com o universal. Do mesmo modo, as conformações político-econômicas que se constroem na América do Sul e na do Norte estão a sugerir problemas de inter-relação cultural e literária, de análise de diferenças, de representação da alteridade e de expressão de identidade que interessam diretamente à literatura comparada. Será, pois, no exame dessas questões substantivamente comparativistas que buscar-se-á a formulação de teorias em literatura comparada que amparem o andamento das investigações e que sejam específicas aos problemas com que ela se ocupa.¹⁶

15. Leia-se, de Yves Chevrel, “Une décennie (1981-1990) de travaux comparatistes d’expression française: interrogations sur un bilan” in: *Europa Provincia Mundi – Essays offered to Hugo Dyserinck* (1993) e, do mesmo autor, “Douze ans de travaux français en littérature générale et comparée (1981-1992) esquisse d’un bilan” in: *Documentation générale – Information littéraire*, 1992.

16. Argumenta-se aqui a favor de uma busca de critérios próprios a um comparativismo que dê conta dos problemas específicos das novas configurações culturais.

Mas falar de “teorias em literatura comparada” não é apenas aludir às várias propostas como as que até aqui foram examinadas. Quer-se ainda pensar prospectivamente, ou seja, nas modificações por que passam as próprias teorias em sua relação com a literatura. Publicações recentes,¹⁷ alertam para um certo “esgotamento” do teórico, observando que depois de um período no qual a teoria tornou-se um elemento essencial para muitas disciplinas humanísticas (entre 1965 e 1985), os estudiosos estão agora se afastando de uma reflexão abstrata e voltando-se para a questão de “como a teoria pode ser usada na atual tarefa de ler obras literárias”. Uma forma de reestabelecer a ligação entre teoria e literatura é a de examinar como os textos literários produzem conceitos teóricos.

Há, pois, que repensar a situação geral do teórico com relação ao literário e, dentro dessa reflexão, novas articulações serão propostas para a literatura comparada, melhor dito, outras teorias surgirão em literatura comparada, auxiliando a definir-se melhor e, sobretudo, tornando essa modalidade de estudo do literário cada vez mais rentável, pois que o discurso comparativista tem necessidade do teórico para se validar.

17. Leia-se, nesse sentido, o já mencionado *Theorie de la littérature*, de Stéphane Sarterres-Sarkany, que fornece uma visão renovada das perspectivas teóricas diante de seus recentes objetos ou KNAPP, S. & MICHAELS, W. B. *Against Theory. Literary studies and the New Pragmatism*, Chicago: The University of Chicago Press, 1982. Além disso, veja-se a recente referência, no *JCLA BULLETIN*, Vol. XIII, No.1, 1993, sobre o artigo de Thomas O. Beebee, “The literature of theory”, apresentado na ACLA Annual Conference 1993, em Bloomington, Indiana.

